

FALAR DE AMOR...
TO SPEAK OF LOVE....

Cynthia de Paoli

RESENHA DE:

ZALCBERG, Malvine (2007). *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 224 páginas.

FALAR DE AMOR...

Podemos dizer que foram as mulheres que levaram Freud a pressupor a existência de outra lógica que regia o homem para além do discurso manifesto. A descoberta do inconsciente foi consequência da observação das manifestações históricas em suas pacientes e permitiu o surgimento da psicanálise enquanto um novo campo de investigação sobre o psiquismo humano. Entretanto, se o feminino permitiu um avanço no saber, permaneceu enigmático para Freud em todo seu constructo teórico fundamentado na idéia de interdição do desejo e recalque.

Se, de início, Freud acreditava que as pessoas se organizavam em busca do prazer sexual e da evitação da dor, ao deparar-se com a compulsão à repetição no sintoma, temeu pela validação do tratamento psicanalítico. A prática clínica lhe permitiu observar o desenrolar das relações amorosas, as formas particulares de amar de homens e mulheres, colocando em questão a generalização de sua teoria para ambos os sexos.

Em 1924, Freud escreve *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, [1924] 1969), apontando uma posição subjetiva nas mulheres não marcada pelo compromisso fálico e não orientada pelo princípio do prazer. Tratava-se de uma satisfação pulsional mais complexa. O pai da psicanálise buscou uma alternativa teórica para esse impasse da clínica feminina, em que a relação com o objeto não circulava entre ser ou ter o falo. Em seus artigos finais, em que tratava sobre o desenlace do complexo de Édipo e a feminilidade, Freud constatou a obscuridade em que repousava a feminilidade em suas formulações: não havia avançado muito. Ele lega então às analistas mulheres a incumbência de construir um saber no ponto de opacidade que lhe fora impossível transpor. Freud parecia perceber a existência de um abismo entre os sexos e que a possibilidade de encontro entre eles situar-se-ia além do discurso.

Zalberg (2003), comprometida com o legado freudiano, já em seu primeiro livro, *A relação mãe e filha*, debruça-se sobre o universo feminino. Em *Amor paixão feminina*, a autora, já no título, anuncia a grandiosidade do espaço conferido pelas mulheres ao amor: ele é vivido como uma paixão, estado de loucura, um *pathos*, no original, em grego. A etiologia da palavra aponta onde quer nos levar a autora: à erotomania enquanto forma feminina de amar. A erotomania é considerada por psiquiatras famosos, entre eles, Clérambault ([1921] 1942) que melhor a definiu, como um “delírio de amor”, no qual a mulher, no endereçamento de seu amor ao homem, o reverte na certeza de ser amada por este, ainda que ele o negue e que nada da realidade a leve a crer nisso. Na psicose, a erotômana percebe seu amado como todo poderoso, um homem que não tem limites para seu gozo, o que a apavora fazendo buscar uma interdição que a proteja do acesso a ele. Assim, para que a cena aconteça, é preciso que a impossibilidade seja contingente.

Se a mulher vive o afeto de uma forma próxima à erotomania, já o homem o faria de forma perversa, reduzindo seu objeto de desejo ao fetiche, pois sua sexualidade encontra-se referida ao falo imaginário.

Ao dirigir-se ao homem, a mulher lhe faz um apelo: “me ame”, “fale-me de amor”, apontando outra forma de gozo além do sexual. Considerando a assertiva lacaniana de que é o amor o que faz a relação sexual existir, podemos pressupor que a fantasia amorosa preencha esse abismo na relação com o outro e que, no campo feminino, o sexo surja como um ato de entrega ao homem que lhe dá sentido à vida. As palavras de amor trocadas entre homem e mulher seriam o que permite “*la folie à deux*” da completude narcísica, o encontro entre os sexos.

Fazendo um percurso teórico completo da questão amorosa de Freud a Lacan, Zalberg traz a intransponível diferença sexual nas especificidades da conjugação feminina e masculina, erotomania e perversão.

Malvine, utilizando-se dos elementos fornecidos pela cultura, literatura e cinema, consegue transmitir a intrincada e complexa teoria psicanalítica lacaniana. A clareza do texto faz com que a aproximação do pensamento de Lacan seja menos árdua, mas nem por isso menos consistente. A autora generosamente nos presenteia com uma relação bibliográfica extensa, detalhada e atualizadíssima, convidando o leitor a juntar-se a ela em sua pesquisa.

O desencontro na vida amorosa se faz presente em inúmeros exemplos clínicos que a autora nos apresenta, ilustrando a máxima lacaniana - “não há relação sexual” - que aponta o isolamento do sujeito ao nada saber do gozo do Outro. O amor surge como o que possibilita; as palavras de amor dão à mulher reconhecimento, afeto, valor, é o que a representa. Por outro lado, o silêncio do amado a mantém na solidão, reduzida a objeto de gozo, podendo levar à devastação.

Como pode o homem alcançar tal significado, se tudo é tão mais claro na vivência da sexualidade masculina? A natureza feminina permanece um enigma para o parceiro, gozo incompreensível que se estende para além do corpo e do objeto, subjetividade ancorada no afeto, em que o amor é estruturante em sua relação ao Outro e estrutural em seu eterno “tornar-se mulher”.

“Falar de amor” é o que Malvine Zalcberg faz, num esforço de construir um saber no ponto lacunar em que nos deixou Freud, referido ao invisível das fantasias inconscientes e à opacidade de um gozo fora do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLÉRAMBAULT, G. G. de (1921/1942). *Oeuvre Psychiatrique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- FREUD, S. (1924/1969). *O Problema Econômico do Masoquismo*. Obras Completas, ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- ZALCBERG, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro/São Paulo: Campus.